

## A CULTURA DA INTOLERÂNCIA: desterro e imigração

Helenice Pereira Sardenberg<sup>1</sup>

Adriana Gonzaga<sup>2</sup>

### RESUMO:

O presente trabalho, fruto de pesquisa de mais de dois anos, busca analisar os níveis de intolerância vividos por aqueles que buscam refúgio, especialmente, por estarem fugindo de lugares, hoje, transformados em zona de guerra. Neste sentido, privilegia-se pensar e analisar a intolerância e os preconceitos sofridos pela ausência de alteridade na medida em que a diferença não é respeitada, sequer no que tange aos tratados e leis ensejados pelos Direitos Humanos. Verifica-se, portanto, que no processo de desenraizamento forçado, há de se ressignificar identidades haja vista a desterritorialização que se dá tanto no plano físico, quanto no plano subjetivo.

Palavras-chave: desterritorialização, intolerância, alteridade

### RESUMEN:

El presente trabajo, fruto de una investigación de más de dos años, busca analizar los niveles de intolerancia vividos por aquellos que buscan refugio, especialmente, por estar huyendo de lugares, hoy, transformados en zona de guerra. En este sentido, se privilegia pensar y analizar la intolerancia y los prejuicios sufridos por la ausencia de alteridad en la medida en que la diferencia no es respetada, ni siquiera en lo que atañe a los tratados y leyes que los derechos humanos. Se verifica, por lo tanto, que en el proceso de desarraigo forzado, hay que ressignificar identidades, teniendo en cuenta la desterritorialización que se da tanto en el plano físico, como en el plano subjetivo.

Palabras clave: desterritorialización, intolerancia, alteridad

A contemporaneidade se apresenta de forma complexa ensejando uma nova paisagem no plano político, econômico, social e cultural, rompendo muitos paradigmas até então soberanos, ultrapassando fronteiras, estabelecendo novas formas de estar e ser no mundo; alguns falam que

<sup>1</sup>Pedagoga; Mestre em Memória Social, Doutora em Serviço Social; Pós-doutora em História Política; Professora e pesquisadora UNILASALLE/RJ e pesquisadora do NUCLEAS/UERJ – email: [hsardenberg@yahoo.com.br](mailto:hsardenberg@yahoo.com.br) e [helenicefjl@gmail.com](mailto:helenicefjl@gmail.com) LATTES: <http://lattes.cnpq.br/0129280993959064>

<sup>2</sup>Economista; Mestre em Engenharia de Produção, com ênfase na área de Responsabilidade Social, pela Universidade Federal Fluminense. Professora Universitária – UNILASALLE - RJ; E-mail: [gonzaga.dri@gmail.com](mailto:gonzaga.dri@gmail.com). LATTES: <http://lattes.cnpq.br/1355537183790915>

estamos vivendo o que dizem ser a pós-modernidade ou modernidade tardia. Percebe-se, ainda, que, não claramente, novos padrões de convivência estão sendo estabelecidos. Contudo, paradoxalmente, vemos que os níveis de intolerância das mais variadas formas crescem absurdamente sem, especificamente, explicação que sustente as “atrocidades” cometidas seja a partir de manifestações xenofóbicas, homofóbicas, racistas, religiosas, entre outras, tanto em nosso país, quanto alhures haja vista as guerras que se perenizam em nome de uma determinada “ideologia”.

Neste sentido, este texto – fruto de pesquisa de dois anos ininterruptos - busca analisar de que maneira a cultura e, mais especificamente, a cultura da intolerância se constroem e como esta última se dissemina pelos mais variados contextos, fazendo com que práticas sociais e discursivas se reproduzam e se legitimem no cotidiano, instaurando, apesar das ações afirmativas, preconceitos dos mais variados, além da exacerbação da ausência de alteridade.

Desta forma, vale destacar que na ausência da alteridade, isto é, na falta de percepção da diferença e o respeito à ela, evidencia-se o aumento da intolerância, especialmente, num mundo globalizado cuja lógica mercantil se manifesta nas mais variadas formas ensejando o individualismo e a falta de reconhecimento do outro.

Historicamente, sabe-se que a intolerância levou o mundo a caminhar sob a égide do fascismo e do nazismo. E hoje, qual o caminho? Movimentos neofascistas e neonazistas aumentam, fomentando e perpetuando os preconceitos e, não apenas isso, sabe-se que a intolerância é que consubstancia tais movimentos.

Muito tem se falado sobre os dilemas da atualidade; diz-se – e não são poucos aqueles que falam - que vivemos a/na pós-modernidade. Contudo, este conceito apesar das inúmeras características, ainda que bastante discutido e discutível, não possui uma definição que o contemple plenamente. Apesar disso, entendendo o momento atual como um momento de múltiplas contradições, vale ressaltar que suas características já se apresentam internalizadas na cotidianidade, com um bom número de pessoas reproduzindo o padrão dominante, legitimando as práticas discursivas e sociais inerentes àqueles que dominam.

Importante, portanto, destacar que a dominação não surge aleatoriamente, mas, sim, pelo adestramento, ou melhor, pelo “poder disciplinar”, isto é, “poder que, em vez de se apropriar e de retirar, tem como função maior ‘adestrar’; ou sem dúvida adestrar para retirar e se apropriar ainda

mais e melhor. Ele não amarra as forças para reduzi-las; procura ligá-las para multiplicá-las e utilizá-las num todo”. (FOUCAULT, 1998, p.143)<sup>3</sup>.

Não sem razão, estarmos inseridos num contexto onde as relações sociais se fluidificam, se liquefazem (Bauman, 2001)<sup>4</sup> na sua efemeridade. O aqui e o agora se tornaram a máxima da cotidianidade; o individualismo se exacerba, sem que as pessoas deem conta da fugacidade do(s) momento(s) (Bauman 2001; 1998; Hall, 1998)<sup>5</sup>. O ter e o consumo tornaram-se o grande lema, sucumbindo à lógica do mercado.

Neste sentido, Lipovetsky (2011)<sup>6</sup> insere o conceito de cultura-mundo numa perspectiva homogeneizante para que se entenda a sociedade de mercado, pois

Cultura-mundo significa o fim da heterogeneidade tradicional da esfera cultural e a universalização da cultura mercantil, apoderando-se das esferas da vida social, dos modos de existência, da quase totalidade das atividades humanas. Com a cultura-mundo, dissemina-se em todo o globo a cultura da tecnociência, do mercado, do indivíduo, das mídias, do consumo; e, com ela, uma infinidade de novos problemas que põem em jogo questões não só globais (ecologia, imigração, crise econômica, miséria do terceiro Mundo, terrorismo...) mas também existenciais (identidade, crenças, crises dos sentidos, distúrbios da personalidade...). (ibidem, p. 09).

Diante do exposto, evidencia-se que estamos enfrentando graves problemas no nosso cotidiano, conforme Martins (2009)<sup>7</sup>, Hall (2009)<sup>8</sup> e Wacquant (2005)<sup>9</sup>, tais problemas se reproduzem e se reverberam nas mais diferentes formas de preconceitos, gerando intolerância.

Nesta perspectiva vê-se que a percepção do outro, na sua diferença, não é respeitada. Logo, cabe ressaltar que “é na singularidade intrínseca, bem como na alteridade, na percepção de quem é o outro que talvez possamos buscar estratégias que possibilitem a igualdade de direitos, como também ter cada um a sua identidade respeitada”. (SARDENBERG, 2003)<sup>10</sup>.

Sendo assim, vale dizer que na atualidade se tem percebido um aumento dos preconceitos, mesmo que *a priori* saibamos das ações afirmativas, seja em relação à identidade religiosa, sexual, cultural, entre outras. Importante destacar, então, que vivemos, em larga escala, tais

<sup>3</sup>FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir**. Petrópolis: Vozes, 1998.

<sup>4</sup>BAUMAN, Zigmunt. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

<sup>5</sup>BAUMAN, Zigmunt. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 1998.

<sup>6</sup>LIPOVETSKY, Gilles. SERROY, Jean. **A cultura-mundo**. São Paulo: Cia das Letras, 2011

<sup>7</sup>MARTINS, José de Souza. **Exclusão social e a nova desigualdade**. São Paulo: Paulus, 2009.

<sup>8</sup>HALL, Stuart. **Da diáspora: identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.

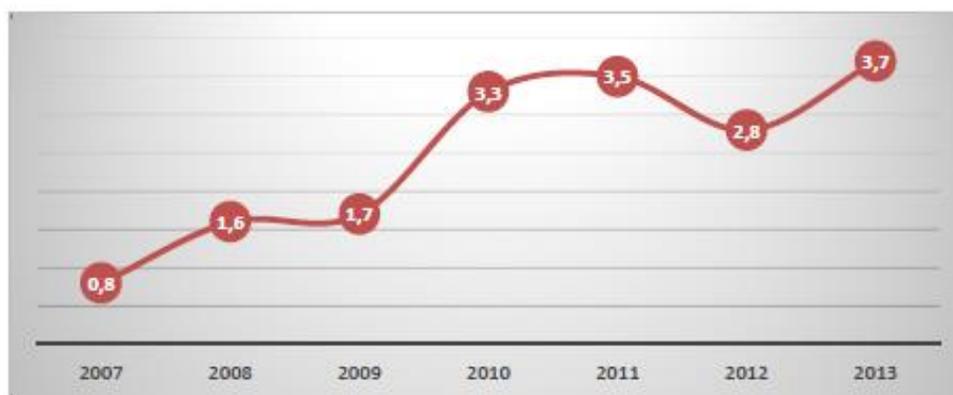
<sup>9</sup>WACQUANT, Loïc. **Os condenados da cidade**. Rio de Janeiro: Revan, 2005.

<sup>10</sup>Ibidem

preconceitos, seja aonde for, haja vista as guerras; o terrorismo; a xenofobia; a situação dos refugiados, entre tantas outras situações.

Exemplos de aumento da intolerância e preconceitos sob diversas formas são divulgados, diariamente, em países de todo o mundo. A Fundação Pew<sup>11</sup> apresentou em 2015, um relatório chamado “Índice de Hostilidades Sociais por motivações religiosas”<sup>12</sup> em que mostra pesquisa realizada em 198 países, com o intuito de verificar a intolerância religiosa e suas consequências. Iraque, Índia e Paquistão encabeçam o ranking de hostilidade, seguidos pelo Afeganistão, Indonésia e Bangladesh. Dentre os 25 países mais populosos, o Brasil vem aumentando a sua taxa de hostilidade social por motivos religiosos. Relativamente aos outros, a taxa ainda é baixa, mas preocupa.

Gráfico 1 - Índice de Hostilidade Social por motivos religiosos no Brasil (2007-2013)



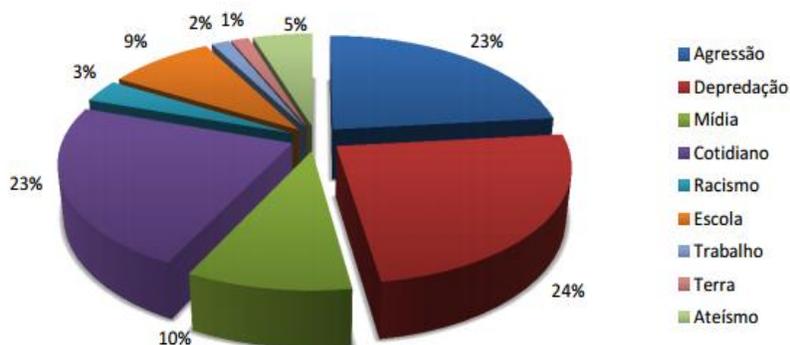
Fonte: *Pew Foundation - Latest Trends in Religious Restrictions and Hostilities* (2015, p.62)

O relatório deixa em evidência os 9 temas principais que foram, e continuam sendo, abordados pela mídia escrita nacional, como as manifestações de violência mais recorrentes junto à população cujo eixo principal gira em torno da discriminação religiosa: 1) Agressões físicas; 2) Ataques a imóveis e/ou de objetos simbólico-sagrados; 3) Nas Mídias e Redes Sociais; 4) No Cotidiano; 5) O racismo; 6) Nas Escolas; 7) Conflitos no ambiente de trabalho; 8) Questões fundiárias, terra e propriedade; 9) Laicidade, ateísmo. Esses temas, foram agrupados de forma percentual no gráfico 2, revelando a seguinte situação:

<sup>11</sup> O *Pew Research Center* (PRC) é um *think tank* que fornece informações sobre questões, atitudes e tendências que estão moldando os EUA e o mundo. <http://www.pewresearch.org/search/?query=brasil> Acesso em 3/6/2017

<sup>12</sup> <http://www.pewforum.org/2009/12/17/table-social-hostilities-index/>. Acesso em 3/6/2017

Gráfico 2 - Notícias agrupadas por temas



Fonte: RIVIR, p.37.

O Centro de Promoção da Liberdade Religiosa & Direitos Humanos (CEPLIR) alertou que do total dessas denúncias, ocorridas entre setembro e dezembro de 2015, 32% se referiam a discriminação contra muçulmanos. Manifestações xenofóbicas ocorrem, com frequência, na vida dos imigrantes, quando na busca por trabalho, moradias, saúde e educação, sem contar a burocracia na Polícia Federal.

A islamofobia tem aumentado em países de todo o mundo na medida em que as famílias de refugiados continuam seus movimentos de fuga, em busca de um lugar de acolhimento, frente aos conflitos incessantes em seus países.

Enquanto atitudes xenofóbicas e discriminatórias se alastram pelos países de todo mundo, grande parte deles vêm fazendo diferenciações entre os migrantes desejáveis e os indesejáveis, quem pode ou não circular no espaço comum, quem é legal, quem é ilegal, quem tem propensão a estar associado ao terrorismo e quem não tem. Alguns tentando construir pontes, enquanto outros querendo construir muros.

Não sem razão, tentamos entender conceitos como alteridade, diáspora, exclusão, capitalismo, para darmos conta do que significa, efetivamente, a intolerância num mundo onde, inevitavelmente, as fronteiras não existem mais em função do atual modelo de desenvolvimento inscrito na globalização. Visto que a globalização

[...] é um fenômeno multidimensional que se expande... Todas as sociedades desenvolvidas e subdesenvolvidas convivem com o fenômeno, embora de forma diferenciada. As primeiras, por serem hegemônicas em termos econômicos, se sobrepõem as segundas, intervindo fortemente nos seus destinos. Globaliza-se a

cultura, os produtos, os hábitos, os serviços, o lazer, o turismo, etc, interferindo-se na identidade das pessoas. (FONTELES apud SARDENBERG, 2011, p. 30)<sup>13</sup>

Diante do que foi dito até aqui, ressalta-se, o contexto histórico que se inicia com as propostas neoliberais da década de 80, até os dias de hoje, à medida que se entende que o processo de globalização inerente à forma de se pensar o capitalismo contribui, sobremaneira, com a exacerbação dos preconceitos, notadamente, contribuindo com a intolerância com aqueles “supostamente diferentes”.

Na visão de Bauman (1999), estamos todos sendo “globalizados”, divididos e simultaneamente unidos, visto que a globalização é um fenômeno que divide enquanto une e, talvez, esteja nesta ambiguidade a chave para se entender o processo de intensificação de atitudes e opiniões preconceituosas e segregação espacial que acabam por fomentar os grandes conflitos pelos quais a humanidade vem passando nestas primeiras décadas do século XXI.

A doutrina neoliberal formata as relações econômicas num mundo globalizado, dando respaldo ao avanço da concentração econômica e formação de grandes conglomerados de empresas que acabam por dominar sociedades inteiras a partir da imensa influência política, entendendo que grande parte do capital que financia as campanhas políticas parte destes oligopólios. Esses grandes grupos promovem mudanças significativas nos arranjos sociais em favor próprio e em detrimento ao bem-estar social. A lógica neoliberal aumenta o número de excluídos, pessoas descartáveis para o capitalismo global.

A partir dessa lógica, somam-se à massa sobrando, as pessoas expulsas dos seus territórios, isto é, pessoas desterritorializadas, deportadas, devolvidas ou rejeitadas nas fronteiras, segundo critérios subjetivos, ou não, condenadas a retornarem ao país de origem para que se possa promover um controle das migrações e/ou deterem potenciais ameaças. Dentre a massa sofrida e descartada, há uma horda de refugiados, alinhando-se ao sofrimento, desespero e incertezas.

Nestes tempos sombrios, muitos clamam por uma cidadania universal e um mundo sem fronteiras. Entretanto, o que se vê é um crescente fenômeno que chama a atenção: a “progressiva ruptura de comunicação entre as elites extraterritoriais cada vez mais globais e o restante da população, cada vez mais ‘localizada’” (Bauman, p.9, 1999), fato este que contribui para a ausência de alteridade, aumentando o fosso entre os mais ricos e os mais pobres do planeta.

---

<sup>13</sup>SARDENBERG, Helenice Pereira. **Uma cidade partida**: Itacaré e os dilemas da desterritorialização pelo turismo. 2011a. Tese (Doutorado). Faculdade de Serviço Social, Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ, Rio de Janeiro, 2011.

Não sem razão, a desigualdade econômica alimentar o sistema capitalista e a prática de violações dos direitos humanos que consubstancia as relações entre mercado e sociedade, em nome da fluidez do sistema. Cabe lembrar que a fluidez é percebida por aqueles que dominam o sistema, mas não pelos dominados, pois, diante da complexidade das relações, como mostra Santos (2015) “pode escapar aos pobres o entendimento sistêmico do sistema do mundo”. As possibilidades sobrevividas dessa fluidez garantem a manutenção do *status quo* das elites mundiais.

Como tal exercício não responde a um objetivo moral e, desse modo, é desprovido de sentido, o resultado é a instalação de situações em que o movimento encontra justificativa em si mesmo – como é o caso do mercado de capitais especulativos -, tal autonomia sendo uma das razões da desordem característica do período atual. (SANTOS, p.125, 2015)

Ressalta-se que esse comportamento individualista e narcisista, de boa parte dos indivíduos produtivos na sociedade atual, é necessário para o bom andamento da economia de mercado. Aos poucos, a percepção de uma identidade coletiva vem se perdendo. A sociedade de massa construiu um sistema econômico que a fez perder-se de si mesma, em termos de valores quanto à sua natureza, quanto à sua humanidade. Um sistema que sinaliza que a identidade do indivíduo é construída a partir do momento em que se faz o que todos fazem, ir às compras, isto é, consumir.

Numa sociedade de consumo, compartilhar a dependência de consumidor – a dependência universal das compras – é a condição *sine qua non* de toda liberdade individual; acima de tudo da liberdade de ser diferente, de ter identidade. (...) O utensílio produzido em massa é a ferramenta da variedade individual. A identidade – “única” e “individual” – só pode ser gravada na substância que todo o mundo compra e que só pode ser encontrada quando se compra. Ganha-se a independência rendendo-se. (BAUMAN, 2001. p.108)

Os velhos/novos players econômicos tentam preservar as regalias do capital à revelia das garantias jurídicas conquistadas. Disfarçam-se entre as brechas da lei, enquanto o sistema político e econômico global, em desarranjo, flui promovendo um movimento acelerado num sentido de ampliar cada vez mais a distância entre os mais pobres e os mais ricos, fomentando, dessa forma, a indiferença ao sofrimento alheio.

Na medida em que a humanidade se perde na tentativa de manter um sistema econômico altamente excludente, os conflitos globais não dão trégua, conflitos estes que têm em seu cerne graves interesses econômicos e, com isso, uma imensa massa de seres humanos que vem se deslocando em busca de “salvação”. Enquanto se verifica uma grande horda de pessoas em busca

de refúgio, os países mais ricos do globo, numa tentativa de preservar suas economias, dificultam a entrada e a permanência dessas pessoas que necessitam de ajuda humanitária. Com isso, a alteridade encontra-se no centro da discussão, seja pela sua efetiva existência, seja pela sua negação.

Neste sentido, vale destacar que o mercado impõe uma forma de conduta individualizada e concorrente, que vai de encontro aos documentos jurídicos idealizados e manifestados pela sociedade civil organizada que buscam ajudar na luta universal contra a opressão e a discriminação. Leis, tratados e acordos têm por finalidade proteger os interesses diversos, entre eles, os direitos humanos, defendendo a igualdade entre as pessoas, a dignidade, as liberdades fundamentais, reconhecendo os direitos fundamentais sobre qualquer situação, qualquer força maior de opressão e perigo. Tais direitos permitem a elaboração de ações mais contundentes.

Mesmo com tantos dispositivos prevendo muitas ações de proteção aos refugiados, cabe ressaltar que, a ação, que segundo Arendt (1997) é “a única atividade que se exerce diretamente entre homens sem a mediação das coisas ou da matéria”, está eivada, nos tempos atuais, de uma frágil capacidade de identificação com o outro, ou com a dor alheia. Mas tal situação tende a acirrar-se, visto que vive-se a realidade de uma sociedade de massas. Contudo, “o que torna tão difícil de suportar a sociedade de massas não é o número de pessoas que ela abrange, ou pelo menos não é este o fator fundamental; antes, é o fato de que o mundo entre elas perdeu a força de mantê-las juntas, de relacioná-las umas às outras e de separá-las”. (ARENDDT, 1997, p.62)

Os homens de ação devem repensar e renegociar os alicerces do tipo de sociedade que estão dispostos a viver. Acrescentam-se a esses desafios, o resgate da confiança e da alteridade, sentimentos necessários para se chegar ao consenso do bem-estar e do respeito à vida. O grande perigo reside na substituição do desenvolvimento integral das potencialidades humanas pelos lucrativos objetivos empresariais, que é justamente o que vem acontecendo.

Neste sentido, procura-se entender o processo de imigração dos refugiados sírios que, num movimento diaspórico, chegam ao Brasil, reféns do conflito de guerra em seu país natal e, não menos importante, reféns, também, dos mais variados preconceitos, notadamente, a xenofobia. Pois que, este num processo maciço de desterritorialização física e subjetiva, acabam não somente excluídos, mas também em busca de resignificação de suas novas identidades.

Sem dúvida, presenciamos processos de desterritorialização física e subjetiva daqueles que migram forçadamente, como os sírios, motivados pelos conflitos de guerra. Esta

desterritorialização enseja, efetivamente, o desenraizamento, provocando ressemantização das próprias identidades. Diante disto, ressalta-se, de acordo Deleuze e Guattari (1992) que

A desterritorialização de um tal plano não exclui uma reterritorialização, mas a afirma como a criação de uma nova terra por vir. Resta que a desterritorialização absoluta só pode ser pensada segundo certas relações, por determinar, com as desterritorializações relativas, não somente cósmicas, mas geográficas, históricas e psicossociais. Há sempre uma maneira pela qual a desterritorialização absoluta, sobre o plano de imanência, toma o lugar de uma desterritorialização relativa num campo dado (p. 116).

Logo, destaca-se que aqueles que migram, não apenas perdem seu território físico, mas, também, seu território subjetivo, num processo que demanda, de forma imperiosa, uma nova forma de ser e estar no mundo, no novo mundo!

### Referências:

- BAUMAN, Zigmunt. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.  
\_\_\_\_\_. **Globalização: as consequências humanas**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1999.
- DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **O que é a filosofia?** São Paulo: Editora 34, 1992.
- FONSECA, Alexandre Brasil; ADAD, Clara Jane Costa. **Relatório sobre intolerância e violência religiosa no Brasil (2011- 2015): resultados preliminares / Ministério das Mulheres, da Igualdade Racial, da Juventude e dos Direitos Humanos; Brasília: Secretaria Especial de Direitos Humanos, 2016.**
- FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir**. Petrópolis: Vozes, 1998.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 1998.  
\_\_\_\_\_. **Da diáspora: identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.
- LIPOVETSKY, Gilles. SERROY, Jean. **A cultura-mundo**. São Paulo: Cia das Letras, 2011.
- MARTINS, José de Souza. **Exclusão social e a nova desigualdade**. São Paulo: Paulus, 2009.
- MONTENEGRO, Antonio Torres. **História oral e memória: a cultura popular revisitada**. 6.ed. São Paulo: Contexto, 2007
- MOSCOVICI, Serge. **Representações sociais: investigações em psicologia social**. Petrópolis: Vozes, 2003.
- NEVES, José Luiz. Pesquisa Qualitativa: características, usos e possibilidades. **Caderno de Pesquisas em Administração**, São Paulo, v. 1, n. 3, 2º sem. 1996.

PORTELLI, Alessandro. Memória e diálogo: desafios da história oral para a ideologia do século XXI. In: FERREIA, Marieta de Moraes. (Org.). **História oral**: desafios para o século XXI. Rio de Janeiro: Fiocruz: CPDOC – Fundação Getúlio Vargas, 2000.

SANTOS, Milton. Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal. Rio de Janeiro: Record, 2015.

SARDENBERG, Helenice Pereira. Cotidianidade, Memória e Representações Sociais. In: LEMOS, Maria Teresa Turíbio B. (Org.) **América Plural**: caminhos da latinidade. Rio de Janeiro: ABE Graph, 2003.

\_\_\_\_\_. **Uma cidade partida**: Itacaré e os dilemas da desterritorialização pelo turismo. 2011a. Tese (Doutorado). Faculdade de Serviço Social, Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ, Rio de Janeiro, 2011.

WACQUANT, Loïc. **Os condenados da cidade**. Rio de Janeiro: Revan, 2005.